

PRAXIS BIBLIOTECÁRIA*

Maria das Graças Targino**

Resumo

Abordagem terminológica sobre as expressões - prática e práxis. Considerações breves sobre a *Filosofia da Práxis*, construção teórica de Marx. Discussão da práxis bibliotecária, com base em alguns aspectos: (a) função social da profissão; (b) a informação como objeto de trabalho; (c) caráter técnico-humanista da profissão; (d) perfil do bibliotecário atual; (e) mercado de trabalho.

Palavras-chave

PRAXIS BIBLIOTECÁRIA

BIBLIOTECONOMIA

FUNÇÃO SOCIAL

1 PALAVRAS INICIAIS

Práxis ou prática? Qual a distinção? O que diferencia uma da outra? Estas são questões iniciais que devem fundamentar a discussão sobre tal tema. De fato, na Antiguidade, os gregos utilizam o termo práxis para designar a **ação que tem seu fim em si mesmo**, ou seja, a ação humana cujo fim se encerra nela própria ou no valor utilitário para seus agentes. Isto é, práxis para nomear a ação que não produz objeto ou objetos alheios ao agente ou à sua atividade. Ao tipo de ação que cria um objeto exterior ao indivíduo e a seus atos denominam de poiésis, que significa, literalmente, produção ou fabricação. Em tal concepção, a ação moral e qualquer outra que não gera nada fora de si mesma é práxis, da mesma forma que a atividade do artesão ou do escritor, os quais produzem algo que existe fora do agente de seus atos não é práxis, mas sim poiésis (atividade poética).

No entanto, como o termo poesia assume em Português significado específico que invalida o uso do termo para nomear a ação prática em sentido amplo, utiliza-se, aqui, o termo práxis para designar o conjunto das ações humanas que visam a criar as condições essenciais à existência da sociedade e, particularmente, à atividade material e/ou à produção. No caso específico, **práxis bibliotecária** refere-se às ações engendradas pelos profissionais de informação direcionadas ao crescimento e desenvolvimento humano, haja vista que o valor da práxis reside na sua função social.

A este respeito, acrescenta-se ainda, que práxis e prática são palavras que podem ser utilizadas indistintamente em nosso idioma, com a ressalva de que o segundo corresponde, muitas vezes, na linguagem coloquial, à atividade prática humana no sentido estritamente utilitário, e como alerta Vázquez (1990)⁷, até mesmo com conotação pejorativa, em expressões, tais como "*resultados* práticos"; "profissão prática" etc., para expressar vazio teórico e ausência de uma fundamentação.

* Palestra proferida no Seminário Práxis Profissional, constante da programação do XVIII Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, São Luis – MA, 27 a 31/07/97.

**Doutoranda em Ciências da Informação, Universidade de Brasília, Brasília – DF. Professora da Associação de Ensino Superior do Piauí

Após tais colocações de cunho terminológico, pretendemos traçar algumas considerações em relação ao fazer bibliotecário, a partir da Filosofia da Práxis, construção teórica de Marx, resultante de sucessivas rupturas e aproximações com o pensamento de Hegel e Feuerbach. Em Hegel, a práxis é discutida, tomando por base, sobretudo, a atividade prática do homem traduzida no movimento pensamento-ação, o que significa reconhecimento da atividade prática humana - o homem, como ser histórico, transforma a natureza e a si mesmo através da ação prática. Já a filosofia de Feuerbach fundamenta-se no sentimento, e não na razão. Contrapondo-se a Hegel, tem como ponto de partida a sensibilidade, a contemplação e a natureza - a atividade prática humana reside na religiosidade, na força do espírito. Neste sentido, o homem de Feuerbach é uma abstração, e por conseguinte, sua Práxis há de ser, **irremediavelmente**, uma práxis abstrata, negação da verdadeira práxis.

2 O QUE É A PRÁXIS EM MARX - BREVES CONSIDERAÇÕES

A partir do confronto com as análises filosóficas desses estudiosos, a práxis na filosofia materialista marxiana caracteriza-se, a priori, por **seu significado humano**. Não se explica e não se esgota na relação teoria X prática; contemplação X atividade; práxis X atividade. Emerge como resposta a questões essenciais: quem é o homem; o que é a sociedade humana social e como evolui (VILARINHO, 1997). A existência é obra e criação do próprio homem, e a realidade uma totalidade concreta, um todo histórico, que não é só natural, mas também humano. O conhecimento desta realidade somente é possível, porque o homem, enquanto ser histórico, age objetiva e praticamente, a fim de captar sua essência. Neste movimento dialético, o homem constrói sua práxis e, ao mesmo tempo se autoconstrói, em um processo de construção transformador, contínuo e ininterrupto.

Acrescentamos que tal processo de transformação é **teleológico**, isto é, concretiza-se mediante uma finalidade ou objetivo elaborado conscientemente pelo homem, como resultado final que se quer alcançar e que existe previamente em sua subjetividade. A práxis consolida-se como atitude humana real, transformadora da natureza e da sociedade, em que há prefiguração ideal do resultado real, e portanto, possui **caráter consciente/ intencional**. Há intrínseca **relação** entre o pensar e o agir, **entre a teoria e a prática**: a evolução da teoria está condicionada à prática. No entanto, se a prática determina a teoria, esta só se efetiva mediante a confirmação desta relação e de seu significado prático. Isto significa que a práxis não é tão somente práxis teórica, nem é prática tão-somente, mas relação teoria versus prática, que permite transformar natureza e sociedade.

No entanto, Marx (*apud* VÁZQUEZ, 1990, p. 136) reconhece que **este processo de construção** da práxis humana em sua relação com a realidade é sempre conflituoso, porque nega esta realidade no plano ideal, objetivando alcançar uma realidade futura (ora inexistente), que não é uma simples duplicação real do primeiro. Depois, pode até mesmo nem guardar semelhança com aquele, face às modificações ocorridas no processo de adequação, o qual, aliás, muitas vezes, resulta em inadequação. Neste sentido, o trabalho humano como atividade prática vai permitir ao indivíduo efetivar tal transformação, apresenta a alienação como sua característica central, vez que "... a atividade produtiva é u m a p r á x i s q u e , por um lado, cria um mundo de objetos humanos ou humanizados, mas ao mesmo tempo, produz um mundo de objetos nos quais o homem não se reconhece e que inclusive se voltam contra êle (sic)." O trabalho posiciona-se, então, como a negação do próprio homem, sobretudo, em relação à produção material resultante do sistema capitalista. Mas esta negatividade não é jamais absoluta: ao mesmo tempo em que o nega, o trabalho afirma o homem, a partir da idéia básica de que somos produtos do nosso próprio trabalho.

Ademais, na formulação do pensamento de Marx, a práxis está no centro de toda relação humana. Expressa qualquer prática social desempenhada pelo homem na construção da sociedade e de si mesmo. Mediante a práxis, o homem cria (faz, reproduz) e transforma

(conforma) seu mundo humano e histórico e a si mesmo, o que o diferencia dos demais seres. Como decorrência, toda e qualquer prática profissional só se transforma em práxis profissional quando assume função social. A práxis profissional é sempre expressão da práxis humana, mas não é a própria práxis. A práxis profissional compete um papel revolucionário social: uma classe particular luta para emancipar a sociedade como um todo, não obstante a estratificação social, mais ou menos violenta, presente na tessitura societal.

3 PRÁXIS BIBLIOTECÁRIA - EXPRESSÃO DA PRÁXIS HUMANA

Assim, neste momento de redefinição do papel da Biblioteconomia face ao terceiro milênio e à era da globalização da informação, o debate sobre a práxis bibliotecária entra neste cenário a partir da compreensão da Biblioteconomia enquanto prática social, isto é, enquanto profissão que objetiva a transformação da realidade em prol da sociedade. De início, é preciso responder à pergunta básica:

3.1 QUAIS AS POSSIBILIDADES REAIS DA BIBLIOTECONOMIA EFETIVAR TAL PRÁXIS?

Tal questão exige avaliar a nossa atuação profissional de forma crítica e consciente, a partir da premissa irrefutável de que a praxis é, em sua essência, **AÇÃO INFORMADA PELA RAZÃO**, ou seja, "*... a prática não fala por si mesma*". Como todos e quaisquer fatos, os fatos práticos carecem de análise e interpretação racional, pois "O critério da verdade está na prática, mas só se descobre numa relação propriamente teórica com a prática mesma." (VÁZQUEZ, 1990, p. 157), o que significa que responder à pergunta enunciada conduz à discussão de pontos básicos, tais como:

.função social da profissão

.objeto de trabalho => **a informação** - a quem interessa e a quem serve?

.caráter técnico-humanista da profissão

.perfil do **bibliotecário atual**

.mercado de trabalho

Função social da profissão e informação

Pensar o trabalho como instrumento de ação transformadora exige do indivíduo postura de permanente estado de alerta para exercitar sua consciência crítica no que se refere à atividade que exerce e ao **significado social** desta atividade. Reiterando Cysne (1991, 1993), afirmamos que os serviços de informação para a sociedade através de instituições formais, como bibliotecas e centros de documentação, ou do próprio profissional que o executa - o bibliotecário, por exemplo -, são compreendidos sob essa ótica como trabalho, por identificar-se como ação em que se impõe a relação humana e assim sendo, revela a existência social do seu sujeito, que é o bibliotecário.

Por outro lado, se a Biblioteconomia ao difundir o saber acumulado da humanidade produz e reproduz conhecimento, e, portanto, faz a História, é indiscutível que o processo de organização desse saber visando a favorecer seu acesso imediato a todos é um trabalho com características **próprias** que requer um profissional com formação **própria** -o bibliotecário. Em outras palavras, é a especificidade profissional que difere a prática do sentido geral da práxis humana. Entretanto, esse processo de organização e disseminação não existe fora do contexto social em que se insere, de tal forma que é imprescindível perceber as ações concebidas nos serviços de informação como algo que transcende a demandas informacionais imediatas,

integrando as a outras áreas sociais. O fazer bibliotecário, como previsto na *Filosofia da Práxis de Marx*, não difere de outros na relação de produção entre sujeito objeto, pela qual o produto do trabalho transforma-se em mercadoria, entra em circulação e desvincula-se de seu produtor. Porém, como lembra Cysne (1991)⁴, sujeito e objeto deste trabalho não estão dissociados, e devem ser expressos na relação homem-homem, em vez de restringir-se a uma satisfação imediatista ou a um caráter meramente prático-utilitário.

Tudo isto exige do profissional de informação busca incessante para resgatar o caráter social da **informação**, pois sua interligação com a sociedade é definitiva e irreversível, com base no princípio elementar de que a sociedade é definitiva no processo de geração e utilização da informação, como salienta Campos (1992): é ela quem lhe dá valor, e mais, é em função da sociedade que a informação vai valer mais ou menos. Em tal perspectiva, a informação é direito de todos - interessa a todos e serve para todos. É um bem comum que pode e deve atuar como fator de integração, democratização, cidadania, liberdade, dignidade pessoal e transformação dos valores instituídos, quando estes já não correspondem aos anseios da população. Não há exercício da cidadania sem informação, pois até o cumprimento de deveres ou reivindicação de direitos só se dá mediante a informação. Se não é item essencial à subsistência, como alimentação e vestuário, converte-se em necessidade do dia a dia, a tal ponto que consta como direito supremo do homem nas cartas magnas de várias nações, incluindo o Brasil. Concebida na sociedade atual como bem econômico de alto valor, paradoxalmente, continua disponível apenas aos segmentos sociais que detêm o poder econômico e que a utilizam como instrumento para a manutenção de tal poder. Este fato acaba por comprometer o papel social da biblioteca, que concorre para assegurar assim, a hegemonia da cultura dominante em prejuízo de grande parte da população. Sem direito à educação, muitos continuam à margem dos sistemas informacionais ou os usam de forma limitada e inconsciente, sem apreender a essência e/ou dimensionar o que há por detrás da aparência das informações, reforçando o domínio da "lógica formal".

Mas, reconhecer a informação como instrumento de sobrevivência do cidadão não significa negar a ideologização presente no seu processo de geração e disseminação. Isto porque como qualquer outra ação humana, a informação está sujeita, em todas as suas fases, da geração à indexação, à contaminação de ideologias dominantes, o que ocorre, às vezes de forma inconsciente, às vezes de forma consciente, com o fim de propiciar o controle de grupos políticos e econômicos. De qualquer forma, compete ao bibliotecário e demais profissionais envolvidos com o fluxo informacional não negar a ideologia, mas buscar a convivência crítica e sem disfarces com a ideologia, seu controle (mesmo que relativo), diante da impossibilidade de obtenção de "*informação ascética*", segundo denominação de Campos (1992).

Diante do exposto até então, percebe-se que o bibliotecário enquanto verdadeiro **agente social** necessita assumir um compromisso com a sociedade. Porém, tal compromisso só se efetiva quando ele é capaz de interiorizar o processo de **reflexão => ação => reflexão**. É preciso ser capaz de, estando no mundo, saber-se nele. A possibilidade de reflexão sobre si mesmo, sobre seu estar no mundo, associada indissolúvelmente à sua ação sobre o mundo é condição *sine qua non* para que assuma tal compromisso social, nas palavras de Freire (1991, p.17)⁵, para quem Somente um ser que é capaz de sair do seu contexto, de 'distanciar-se' dele para ficar com ele; capaz de admirá-lo para, objetivando-o, transformá-lo e, transformando-o, saber-se transformado pela sua própria criação; um ser que é e está sendo no tempo que é o .seu, um ser histórico, somente este é capaz, por tudo isto, de comprometer-se."

Porém, se ação e reflexão, como elementos intrínsecos à práxis, expressam a maneira humana de existir, sobrevivem elas próprias condicionadas à realidade em que está inserido o indivíduo. Isto é, da mesma forma que não há homem sem mundo ou mundo sem homem, não há reflexão e ação fora da relação **homem => realidade**. Tal relação acarreta a transformação do mundo, cujo produto, por sua vez, condiciona tanto a ação como reflexão (FREIRE, 1991)⁵. E através de sua experiência nessa relação que o homem desenvolve ou cerceia seu poder de **ação => reflexão**, perfazendo ciclo contínuo em que a realidade consolida-se como elemento

facilitador ou obstruidor do atuar e pensar do ser humano, delimitando seu nível de compromisso com a humanização dos homens, o que pressupõe, de conformidade com a *Filosofia da Práxis* marxiana, plena integração do profissional ao sistema político-econômico-social em vigor. Aqui, vale ressaltar que o profissional, antes de ser profissional, é ser humano, e único. Quem é descomprometido ou descompromissado enquanto profissional, decerto o é como indivíduo, haja vista a impossibilidade da dicotomia *compromisso enquanto homemi X compromisso enquanto profissional*.

Caráter técnico-humanista da profissão

No caso específico da Biblioteconomia, historicamente, teve como função original a preservação do conhecimento registrado. Atualmente, seu eixo central deixa de ser o documento em si e passa a ser a informação, ou melhor, a socialização do saber, o que resulta tanto de reação da própria classe para amenizar a distância entre profissão e demandas sociais, como de exigência da própria sociedade para não mais se reduzir a democracia à dimensão de sistema político. A democracia, em sentido amplo, diz respeito à participação do indivíduo nas instâncias do poder decisório, o que só é possível através do acesso a informações diversificadas e de distintos níveis. Além deste caráter democratizante, a informação exerce papel educativo, quando contribui para mudanças de significação social e cultural.

Independente desta evolução, afirmamos que a Biblioteconomia continua marcada por um tecnicismo exacerbado. A técnica é mitificada e mistificada em prol de um pseudo progresso da área. Detém-se mais na forma do que no conteúdo, mais na aparência do que na essência. Privilegia o processamento técnico ao lado do gerenciamento dos serviços informacionais e do uso de novas tecnologias em detrimento do seu relacionamento com a realidade social, política e econômica, pautado pela consciência de que a informação, como bem social, pode concorrer para a melhoria de povos e nações. Ora, se o compromisso é com a humanização, ao mesmo tempo que não se pode prescindir da ciência e da tecnologia, devem ser elas utilizadas como meio para a consecução deste objetivo mais amplo, sem reduzir o homem a mero espectador. Ciência e tecnologia são produtos do homem. Logo, devem ser "seus servos" e não "seus senhores". É insensato deixar se encantar e escravizar pelo avanço científico e tecnológico, desvirtuando a relação teoria versus prática, em que a prática atua como critério de verdade para a teoria à medida que o desenvolvimento da teoria ocorre em função da prática, como apregoa o método marxista.

Então, o que compete à Biblioteconomia? Desprender-se de suas tendências fortemente tecnicistas, e sem negar a otimização dos sistemas de informação resultante do emprego das novas tecnologias de informação e de comunicação, revelar a função social da biblioteca. Para tanto, é urgente sobrepor a idéia da biblioteca como instituição estática para assimilar que, na modernidade, é ela um centro organizado de informações a serviço de **todos**. E preciso que o bibliotecário se conscientize de que é ou pode ser catalisador e difusor do conhecimento dentro da comunidade em que está integrado. Advém daí seu potencial político como ator social, reiterando a *Filosofia da Práxis*, que concebe o trabalho como um ato que permite ao homem transformar a natureza e outros homens, ao mesmo tempo que se autotransforma, consciente e intencionalmente, corroborando com a construção da sociedade e de si mesmo. Isto conduz ao resgate do significado humano e social da prática bibliotecária, para que se caracterize como praxis, o que, decerto, como qualquer outro processo de mudança, demanda tempo. As mudanças não são lineares. Ocorrem pouco a pouco e se consolidam à medida que avançam (TARGINO, 1991).

Perfil do bibliotecário atual e mercado de trabalho

Com base nas colocações anteriores, e face à crescente relevância da indústria da

informação e do conhecimento, em uma sociedade dita *sociedade da informação, era da informação, sociedade pós-industrial*, é consensual que o bibliotecário do próximo milênio necessita dominar as novas tecnologias, adotar novas concepções em termos de políticas gerenciais, mas sem esquecer que é o usuário o seu *'fim-primeiro'*. Há, porém, por parte do fornecedor, representado pelos cursos de Biblioteconomia, visível falta de iniciativa para que se reposicionem a fim de acompanhar a evolução da profissão, com a ressalva de que esta evolução é comum a todas as ocupações, segundo modelo teórico de Abbott (apud CRONIN, 1993, p.46).

Há dois eixos centrais nesse modelo: o elo entre a profissão e a sua prática (denominado de competência); a competição entre as profissões (interprofissional), considerando que: "Cada profissão está comprometida com um conjunto de tarefas em decorrência de vínculos de competência. Uma vez que nenhum desses vínculos é absoluto ou permanente, as profissões constroem um sistema interativo, uma ecologia e competem dentro desse sistema", o que, no entanto, não elimina a competição interprofissional, ou seja, a que se dá dentro da própria profissão, por exemplo entre bibliotecários ou entre estes e os demais profissionais de informação.

Para o autor supracitado, ocorrem três estágios. O primeiro corresponde às **perturbações**, causadas ora por forças exógenas, como o progresso tecnológico ou a invasão de outros grupos profissionais ao campo de ação antes delimitado, como analistas de sistemas; ora por forças endógenas, tais como mudanças de cunho organizacional, como por exemplo a fragmentação de associações profissionais em grupos temáticos específicos. As **disputas de competência** no âmbito das profissões de informação constituem o segundo estágio. Dizem respeito à mobilidade e migração de *"novos intermediários"*, o que conduz o bibliotecário às alternativas: explorar com mais intensidade e propriedade seu tradicional espaço de atuação ou conquistar novas áreas e subáreas do ecossistema. As **transformações** são o terceiro estágio. Referem-se ao processo evolutivo da humanidade e à conseqüente necessidade do profissional acompanhar e apreender as mudanças permanentes da realidade em que está inserido, de tal forma que sendo crítica esta inserção consolide seu compromisso profissional. Até porque o compromisso não constitui ato passivo, mas práxis - **ação e reflexão sobre a realidade**. Exige conhecimento da realidade, conhecimento este que requer visão crítica e ampla para captar a realidade como uma totalidade, cujas partes interagem, ou seja, a capacidade de contextualização e de síntese é essencial à compreensão profunda dos fatos.

Assim, o profissional de informação enfrenta mercados de trabalho mais agressivos e competitivos. No caso nacional, depois de quase 40 anos de considerável intervenção do Estado na economia, o Brasil está implantando reformas econômicas que incentivam tanto empresas privadas como governamentais, até então operando em ambientes *"artificialmente protegidos"*, a aprimorar sua *performance*, inclusive sua capacidade de gerenciamento da informação. Não obstante o agravamento do desemprego no governo atual e mil outras críticas pertinentes, como o sucateamento dos sistemas de educação e de saúde em termos globais, é indiscutível que há demanda crescente por bibliotecários qualitativamente distintos dos atuais graduados em Biblioteconomia e áreas correlatas, e cuja práxis seja pontuada, não pela simples absorção e adoção de novas técnicas e modelos, mas, sobretudo, pela redução sociológica destas tecnologias às condições sociais vigentes.

Uma das distinções deste novo profissional não é tão-somente sua habilidade para conviver e interagir com a telemática, mas sua percepção de que urge desfazer o mito de que a informação não tem custos. Na sociedade contemporânea, todos os processos traduzem-se em custos. Neste sentido, a produção de informação envolve valor e custos.

Em primeiro lugar, tem-se o valor do conteúdo propriamente dito. Este deveria ser o valor preponderante, pois representa o produto de um processo de gestação, de aporte de novas idéias e de novas formas. Na prática, o que ocorre é que esse valor é, algumas vezes, intangível e suscetível às mudanças societais: "[...] a própria sociedade encarrega-se de outorgá-lo, de engrandecê-lo ou diminuí-lo, dependendo das condições, do momento histórico, da antigüidade,

atualidade, projeção, oferta e demanda." (CAMPOS, 1992, p. 15)¹. Além do valor atribuído ao conteúdo, é preciso calcular os custos inerentes ao processo de criação, edição e distribuição da informação. E, a partir do momento que o profissional de informação consegue o reconhecimento deste valor, consegue, também, valoração acerca de sua práxis profissional, no sentido de exercitar uma consciência crítica, e de inculcar na sociedade a relevância da informação como instrumental a serviço do processo de desenvolvimento dos povos e das nações.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizando, retomamos a práxis como categoria fundante do materialismo histórico dialético, compreendida como ação criadora dos homens, e expressão coletiva das classes na produção de sua própria história. É ação conjunta de todos os homens, grupos e classes, e portanto, de todas as profissões. É ação de todos os sujeitos formadores do tecido social de uma sociedade. É ação de um corpo social que gera transformações no contexto do coletivo. Daí não ser a prática da Biblioteconomia a própria práxis, mas apenas uma expressão desta. Até porque toda e qualquer ação profissional tem limites de caráter teórico-prático e ético-político, que lhe impede de realizar em si mesmo a própria praxis.

A compreensão do caráter crítico que existe na difusão e na produção do conhecimento é fundamental para uma prática bibliotecária na perspectiva de práxis social. O bibliotecário, como assegura Cysne (1993)³, precisa captar as intenções e necessidades dos usuários, certo de que seus interesses refletem, **sempre**, os interesses das classes a que pertencem e tão-somente os interesses singulares dessas classes. E mais: precisa compreender que o seu fazer consiste em "... uma prática rica de intenções, sejam elas buscadas e entendidas pelo profissional, sejam elas ditadas pelo sistema ..." só assim, a biblioteconomia pode conquistar espaço como **práxis criadora**, quando o homem constrói um mundo humano e constrói a si próprio, em oposição à **práxis reiterativa e a-histórica**, que não produz mudanças qualitativas na realidade, mas apenas adequa o real ao ideal, assegurando a ampliação quantitativa do já existente. Para a consecução desse objetivo, há condições que precisam ser obedecidas, sintetizadas por essa mesma autora:

.a Biblioteconomia carece fortalecer seus paradigmas teóricos, revendo a relação teoria X prática; .seus profissionais necessitam investir mais na transformação social via popularização do saber; .o tecnicismo predominante em suas ações deve dar lugar à humanização da sua prática.

Por outro lado, lembramos que se é urgente transformar o bibliotecário em instrumento de democratização da informação, toda a nossa história, como agentes da burguesia, impede que alcancemos, de imediato, posições de vanguarda dentro da sociedade, desde que permanecemos, por longo tempo, resfolegados nas "*delícias*" dessa mesma burguesia. Sem um projeto de vida própria optamos pelo projeto de vida burguesa, ainda que exercendo a prática proletária.

LIBRARY PRACTICE

Abstract

Examines the use of the words practice and praxis. Briefly discusses the "Philosophy of 'Praxis", the philosophical basis of the work of Karl Marx. Analyses praxis in the context of librarianship, with special attention to: (a) the social responsibility of libraries; (b) the dissemination of information as the chief objective of their work; (c) their use of both technology and the humanities to further their professional aims; (d) the profile of typical modern librarians; (e) the job market

Keywords

LIBRARY PRACTICE

LIBRARIANSHIP

SOCIAL RESPONSIBILITY

AGRADECIMENTOS A

Lúcia da Silva VILARINHO, por uma discussão rica e esclarecedora, pautada por carinho e dedicação
Joana Coeli Ribeiro GARCIA, por sugestões pertinentes e oportunas

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, E. M. Sociedade e informação. **R. Esc. Bibliotecon. UFMG**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 7-18, jan./jun. 1992.

CRONIN, B. Profissionalização ou proletarização da atividade informacional? **R. Esc. Bibliotecon. UFMG**, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 38-55, jan./jun. 1993.

CYSNE, M. do R. de F. P. **Biblioteconomia: dimensão social e educativa**. Fortaleza: UFC, 1993. 145 p.

_____. Sobre Práxis; para pensar a formação e a prática bibliotecária. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 16., 1991, Salvador-BA. **Anais...** Salvador: Associação Profissional dos Bibliotecários do Estado da Bahia, 1991. 2 v. v. 2, p. 1125-1137.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 18. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1991. 79p. O compromisso do profissional com a sociedade, p. 15-25.

TARGINO, M. das G. Biblioteconomia, informação e cidadania. **R. Esc. Bibliotecon UFMG**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 149-160, jul/ dez. 1991.

VALQUEZ, A. Sánchez. **Filosofia da Práxis**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. 454p.

VILARINHO, L da S. **Práxis: uma discussão preliminar para futuras reflexões de aproximação com o nosso objeto de pesquisa**. Teresina: UFPI, 1997. 33 p. (Digitado)